


Trajétórias de egressos do ensino superior: elementos para uma abordagem psicossocial

Trajectories of higher education graduates: elements for a psychosocial approach

Trayectorias de egresados de educación superior: elementos para un abordaje psicossocial

Fabrcio Aparecido Bueno - Universidade Federal de Minas Gerais | Doutorando em Psicologia pela UFMG | IFSULDEMINAS | Técnico Administrativo em Educaçao do IFSULDEMINAS | Machado | MG | Brasil. E-mail: fabricioapbueno@hotmail.com | 

Sérgio Dias Cirino - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG | Departamento de Psicologia | Belo Horizonte | MG | Brasil. E-mail: sergiocirino99@yahoo.com | 

Resumo: Este artigo está estruturado em torno de dois objetivos principais: apresentar analiticamente um panorama do campo das pesquisas de egressos do ensino superior, com especial enfoque nos estudos produzidos no contexto acadêmico brasileiro, e chamar a atenção para as contribuições que a adoção de uma abordagem psicossocial tem a proporcionar às investigações estabelecidas nesse campo. No Brasil, só muito recentemente tem havido um despertar mais consistente para a importância do desenvolvimento de investigações com essa temática, mas muito pouco ainda há produzido em termos de discussões teórico-conceituais capazes de subsidiar e orientar a construção de estudos voltados a uma compreensão das experiências profissionais dos egressos. O presente trabalho pretende colaborar com a atenuação dessa lacuna, constituindo-se como um ponto de partida para pesquisadores interessados em pesquisar egressos do ensino superior a partir de uma abordagem psicossocial.

Palavras-chave: pesquisas de egressos; ensino superior; abordagem psicossocial.

Abstract: This paper aims to achieve two central goals: to introduce, analytically, an overview of research concerning college alumni, emphasizing studies from the Brazilian academic context, and to raise awareness about the contributions of a psychosocial approach to investigations conducted in this field of study. In Brazil, consistent awareness about the importance of this kind of investigation has been recent. However, research in terms of theoretical and conceptual discussions concerning this topic still isn't enough to support and guide other studies focused on comprehending alumni's professional experiences. This paper intends to bring contributions that would help overcome such shortcomings as it is set as a starting point to researchers concerned with studying college alumni from a psychosocial perspective.

Keywords: alumni research; college education; psychosocial approach.

Resumen: El presente artículo se estructura sobre dos objetivos principales: presentar analíticamente un panorama del campo de las investigaciones de egresados de la educación superior, destacando especialmente los estudios producidos en el contexto académico brasileño, y poner atención a las contribuciones que la adopción de un abordaje psicossocial puede proporcionar a las investigaciones realizadas en este campo. En Brasil, la conciencia sobre la importancia del desarrollo de investigaciones sobre esta temática es muy reciente y muy poco se ha producido en términos de discusiones teórico-conceptuales capaces de contribuir y orientar el desarrollo de estudios dedicados a una comprensión de las experiencias profesionales de los egresados. El presente estudio pretende colaborar con la disminución de esta laguna constituyéndose como punto de partida para investigadores que tengan interés en investigar egresados de la educación superior desde un abordaje psicossocial.

Palabras clave: investigaciones de egresados; educación superior; abordaje psicossocial.

- Recebido em: 09 de agosto de 2022
- Aprovado em: 04 de outubro de 2022
- Revisado em: 27 de julho de 2023

1 Introdução

A expansão do acesso à educação de nível superior e as constantes transformações no cenário produtivo, processadas principalmente ao largo das últimas cinco décadas e com repercussões mais ou menos acentuadas em praticamente todo o mundo globalizado, suscitam questões das mais diferentes ordens ao campo dos estudos produzidos na interface entre educação e mundo do trabalho. Pensar a função social das Instituições de Ensino Superior (IES), no que tange à sua missão de formar trabalhadores, torna-se uma tarefa das mais desafiadoras, sobretudo levando-se em consideração a heterogeneidade com que as recentes transformações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas atingem os diferentes contextos de trabalho e áreas de atuação.

O desenvolvimento de pesquisas dedicadas a acompanhar a trajetória de egressos (COELHO, 2009)¹ do ensino superior apresenta-se, nesse contexto, como uma salutar estratégia para a produção de conhecimentos voltados à compreensão do processo de reconfiguração da relação entre educação e trabalho. Como abordaremos no decorrer do presente artigo, as pesquisas de egressos vêm cumprindo desde meados dos anos 1960, no contexto europeu, e muito timidamente a partir dos anos 1980, no Brasil (PAUL, 2015), um importante papel no fornecimento de informações que ajudam a compreender aspectos da dinâmica de transição da formação acadêmica para o mercado de trabalho, bem como do nível de adequação da formação ofertada pelas IES perante às demandas encontradas pelos egressos no âmbito da atuação profissional.

O presente artigo se estrutura em torno de dois objetivos principais. O primeiro é apresentar um panorama do desenvolvimento do campo das pesquisas de egressos do ensino superior, com especial enfoque na análise sobre as características assumidas pelas iniciativas produzidas no contexto acadêmico brasileiro. O exame panorâmico da literatura nacional relativa a essa temática nos proporcionou constatar a incipiência de estudos que se dedicam a analisar as trajetórias de egressos do ensino superior sob a ótica da articulação entre as dimensões objetivas e

¹ No âmbito deste trabalho, optamos por trabalhar com a definição de “egresso” presente em Coelho, segundo a qual egresso(a) é a pessoa que saiu de uma instituição de ensino após a conclusão dos estudos, amparado por uma certificação ou um diploma que atesta formalmente essa conclusão. Essa definição mais específica, portanto, exclui o caso de estudantes evadidos, isto é, que deixaram a instituição de ensino por algum motivo que não a conclusão do curso, seja por decisão própria ou em decorrência de procedimento administrativo.

subjetivas que permeiam os percursos construídos pelos sujeitos. Contribuir para a superação dessa lacuna nos conduz ao segundo objetivo deste artigo, qual seja, o de chamar a atenção para a proficuidade de uma abordagem psicossocial para o desenvolvimento de estudos sobre a trajetória de egressos do ensino superior e apresentar algumas ferramentas teórico-conceituais capazes de subsidiar a construção de análises guiadas com base nesse enfoque.

2 Emergência e configuração do campo de estudos sobre egressos do ensino superior

A expansão do acesso à educação de nível superior e as constantes transformações no cenário produtivo, processadas principalmente ao largo das últimas cinco décadas e com repercussões mais ou menos acentuadas em praticamente todo o mundo globalizado, suscitam questões das mais diferentes ordens ao campo dos estudos produzidos na interface entre educação e mundo do trabalho. Pensar a função social das instituições de ensino superior (IES), no que tange à sua missão de formar trabalhadores, torna-se uma tarefa das mais desafiadoras, sobretudo levando-se em consideração a heterogeneidade com que as recentes transformações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas atingem os diferentes contextos de trabalho e áreas de atuação.

O desenvolvimento de pesquisas dedicadas a acompanhar a trajetória de egressos do ensino superior apresenta-se, nesse contexto, como uma salutar estratégia para a produção de conhecimentos voltados à compreensão do processo de reconfiguração da relação entre educação e trabalho. Como abordaremos no decorrer do presente artigo, as pesquisas de egressos vêm cumprindo desde meados dos anos 1960, no contexto europeu, e muito timidamente a partir dos anos 1980, no Brasil (PAUL, 2015), um importante papel no fornecimento de informações que ajudam a compreender aspectos da dinâmica de transição da formação acadêmica para o mercado de trabalho, bem como do nível de adequação da formação ofertada pelas IES perante às demandas encontradas pelos egressos no âmbito da atuação profissional.

O presente artigo se estrutura em torno de dois objetivos principais. O primeiro é apresentar um panorama do desenvolvimento do campo das pesquisas de egressos do ensino superior, com especial enfoque na análise sobre as características assumidas pelas iniciativas produzidas no contexto acadêmico brasileiro. O exame panorâmico da literatura nacional relativa a essa temática nos proporcionou constatar a incipiência de estudos que se dedicam a analisar as trajetórias de egressos do ensino superior sob a ótica da articulação entre as dimensões objetivas e

subjetivas que permeiam os percursos construídos pelos sujeitos. Contribuir para a superação dessa lacuna nos conduz ao segundo objetivo deste artigo, qual seja, o de chamar a atenção para a proficuidade de uma abordagem psicossocial para o desenvolvimento de estudos sobre a trajetória de egressos do ensino superior e apresentar algumas ferramentas teórico-conceituais capazes de subsidiar a construção de análises guiadas com base nesse enfoque. Em âmbito internacional, o aparecimento das primeiras pesquisas desenvolvidas com egressos de cursos de ensino superior ocorreu nos anos 1960, no contexto de países com sistemas de educação superior mais consolidados, como Inglaterra, Alemanha, França e Itália. É preciso circunstanciar o interesse pela realização dessas pesquisas pioneiras ao desencadeamento de uma série de processos que impactaram fortemente os debates sobre a relação entre educação e formação para o trabalho, dentre os quais, em especial, o crescimento do número de matrículas no ensino superior e as transformações estruturais no sistema produtivo (PAUL, 2015; SCHOMBURG; TEICHLER, 2006).

Tratando da conjuntura na qual as primeiras pesquisas de egressos foram desenvolvidas, Schomburg e Teichler (2006) elucidam que os estudos produzidos na década de 1960 ocorreram em um cenário marcado tanto pela ampliação do acesso ao ensino superior como também pela esperança de que essa ampliação pudesse contribuir para o crescimento econômico e a redução das desigualdades sociais, tal como sustentado pela Teoria do Capital Humano. Temas como o futuro da demanda e da oferta de mão de obra, retornos dos investimentos educacionais, padrões de mobilidade ocupacional, impactos da origem social sobre a realização educacional, dentre outros, ocuparam a atenção de pesquisadores que descobriram no acompanhamento das trajetórias de egressos uma rica fonte de investigação sobre a relação entre ensino superior e trabalho.

Na década de 1970, a agenda de investigação sobre a trajetória profissional de egressos do ensino superior foi fortemente influenciada pelas discussões em torno da problemática da sobreeducação (ou overeducation), preocupada em examinar em que medida, diante da estagnação da criação de novos postos de trabalho, a ampliação do acesso à formação de nível superior não poderia acarretar um descompasso entre a qualificação da mão de obra e a capacidade do mercado de trabalho em absorver um maior contingente de trabalhadores titulados. Após um significativo arrefecimento na produção de pesquisas de egressos na década de 1980, o interesse por essa área de investigação volta a crescer a partir de meados dos anos 1990, quando novas problematizações, tais como as elencadas a seguir, passam a se impor como presentes no campo dos debates a respeito da função social da educação superior: [...] o crescimento da velocidade e da rotatividade de conhecimentos exigidos nos empregos, as dramáticas mudanças estruturais da força de trabalho na esteira da introdução de novas tecnologias e novos conceitos de gestão, os processos de globalização e europeização da economia e

da sociedade, a rápida massificação da educação superior desde meados dos anos 1980 em muitas sociedades industriais, o crescimento do desemprego, o declínio da transparência e continuidade das carreiras etc. (SCHOMBURG; TEICHLER, 2006, p. 3-4, tradução nossa).

As primeiras pesquisas de egressos eram comumente conduzidas por economistas e sociólogos interessados nos debates sobre as transformações nos sistemas de ensino superior ou em compreender as evoluções do mercado de trabalho. Pouco a pouco, contudo, as preocupações com as problemáticas geradas pelo desemprego e pela instabilidade social do trabalho começaram a extrapolar as fronteiras disciplinares dos estudos de base sociológica e econômica, o que diversificou o conjunto de especialidades que passaram a se interessar pela produção de estudos dedicados a tomar a trajetória de egressos do ensino superior como objeto de investigação (SCHOMBURG; TEICHLER, 2005). Além do mais, não demorou para que centros estatísticos governamentais e sistemas autônomos nacionais de monitoramento da qualidade da formação de nível superior descobrissem, no acompanhamento de egressos (DIAS; NUNES, 2017)², uma rica fonte de informações para subsidiar as finalidades de avaliação e *accountability* com relação a recursos alocados e políticas educacionais implementadas (PAUL, 2015) .

Em um artigo dedicado a comparar as experiências brasileiras e estrangeiras de práticas de acompanhamento de egressos, Paul (2015) apresenta um conjunto ilustrativo de exemplos de iniciativas em alguns países europeus, como França, Itália, Alemanha e Inglaterra, dedicadas à elaboração de sistemas de acompanhamento da trajetória acadêmica e profissional de titulados no ensino superior. Trata-se de sistemas de acompanhamento que, a despeito das diferenças que guardam entre si, possibilitam a construção de amplos bancos de dados que facilitam sobremaneira a sistematização de informações a respeito dos destinos e itinerários assumidos pelos egressos. A esse respeito, cabe destacar que, no Brasil, as pesquisas que procuram analisar a situação profissional de egressos a partir de levantamentos em larga escala, tais como as que são realizadas no contexto europeu a partir dos sistemas de acompanhamento de egressos citados por Paul (2015), necessitam recorrer a cruzamentos nem sempre tão abrangentes entre bases de

² Estamos de acordo com Dias e Nunes sobre a importância de se diferenciar pesquisas de egressos e acompanhamento de egressos. Enquanto o acompanhamento de egressos diz respeito ao desenvolvimento de sistemas institucionalizados de monitoramento e armazenamento de informações sobre os egressos (de uma IES específica ou de um sistema nacional de educação superior), as pesquisas de egressos são iniciativas de investigação científica conduzidas por pesquisadores não necessariamente vinculados a sistemas de acompanhamento de egressos, não como objetivo, portanto, a geração de informações para a alimentação de bancos de dados.

dados com objetivos muito específicos (VIEIRA, 2020; VAZ, K.; VAZ, F., 2020; ZUCCARELLI, 2020)³.

Estima-se que as primeiras pesquisas de egressos realizadas no Brasil tenham ocorrido na década de 1980. Já quanto às experiências institucionalizadas de acompanhamento de egressos, só recentemente (a partir da primeira década do século XXI) tem sido possível notar uma maior preocupação por parte das IES em desenvolverem mecanismos de sistematização de informações a respeito de seus ex-alunos (PAUL, 2015).

Paul (2015) chama a atenção para a proliferação, nos últimos anos, dos chamados “portais do egresso”, no âmbito de inúmeras IES. A partir de uma busca em sites da internet, o autor chega a identificar 32 instituições de ensino superior que possuem o seu “portal do egresso”. Por já dispormos de mais de seis anos desde a realização desse levantamento, é de se supor que outros portais tenham sido criados desde então. Convém também alertar que esse número poderia ser ainda maior desde que fossem levadas em consideração iniciativas isoladas de faculdades ou departamentos específicos dentro de algumas IES. Em todo caso, o mais importante de ser indagado a respeito dessas iniciativas é em que medida elas estariam a nos indicar um crescimento, no Brasil, da consciência sobre a importância de se acompanhar a trajetória dos egressos. Seria seguro afirmar que o crescimento de iniciativas voltadas a estabelecer estratégias de acompanhamento de egressos estaria a nos indicar o aumento da conscientização, por parte dos gestores e agentes educacionais brasileiros, da importância do acompanhamento dos ex-alunos como ferramenta de controle e avaliação da qualidade do ensino ofertado pelas IES?

Para analisar essa questão, é oportuno considerar o papel cumprido pelos portais de egressos no contexto da atual política de avaliação da educação superior brasileira. O vigente Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) foi instituído em abril de 2004 pela Lei n. 10.861 (BRASIL, 2004a). O objetivo da criação do SINAES foi o de disciplinar o processo nacional de avaliação das IES brasileiras, dos cursos de graduação e do desempenho acadêmico de seus estudantes. No mesmo ano de publicação da referida lei, o Ministério da

³ É o que podemos observar em trabalhos como os de Vieira, Vaz e Vaz e Zuccarelli, os quais, para analisarem aspectos da transição universidade-mercado de trabalho e da inserção profissional dos egressos do ensino superior brasileiro, recorrem ao cruzamento de informações constantes no banco de dados de estudantes avaliados pelo Enade (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) com dados da plataforma RAIS (Relação Anual de Informações Sociais). Uma das limitações importantes desse cruzamento se refere ao fato da plataforma RAIS somente dispor de dados de trabalhadores do mercado formal, deixando de fora uma série de outras modalidades de ocupações não incluídas nesse tipo de vínculo com o trabalho.

Educação (MEC) lançou um roteiro de orientação para subsidiar os trabalhos das Comissões Próprias de Avaliação (CPAs) no âmbito das IES, as quais passariam a ter a partir daquele ano suas primeiras avaliações realizadas em conformidade com o recém-criado SINAES (BRASIL, 2004b). Ao detalhar cada uma das dimensões institucionais estabelecidas pelo SINAES a serem obrigatoriamente consideradas nas avaliações das IES, o roteiro elaborado pelo MEC atribui especial destaque ao acompanhamento que as instituições deveriam fazer de seus egressos (indicadores de atuação profissional, mecanismos para conhecer a opinião dos egressos sobre a formação recebida, mecanismos para conhecer a opinião dos empregadores sobre os egressos da instituição avaliada etc.), tornando-se este um elemento que passa a ser ponderado (e pontuado) na avaliação institucional e dos cursos.

Ao analisar os mecanismos de coletas de dados que subsidiam os portais de egressos no Brasil — muitos dos quais criados como uma forma de atender aos requisitos previstos na política nacional de avaliação da educação superior — Paul (2015) aponta uma série de fragilidades que vão desde aspectos mais operacionais e metodológicos, como a qualidade dos instrumentos de coleta de informações ou o pouco cuidado na divulgação dos resultados, até aspectos mais sistêmicos e conceituais a respeito do entendimento e da concepção sobre a importância do acompanhamento de egressos. Essas inconsistências levam o autor a presumir que o crescimento das iniciativas de acompanhamento de egressos no Brasil, expresso pela proliferação dos portais de egressos, não estaria necessariamente a indicar o advento, no país, de uma tomada de consciência sobre a importância estratégica da contribuição das informações prestadas pela análise da trajetória dos ex-alunos para a melhoria da qualidade da formação ofertada pelas IES. Na maior parte dos casos, adverte o autor, os portais deixam transparecer que foram desenvolvidos com um propósito meramente protocolar, para atender às demandas das autoridades encarregadas das avaliações e creditações das IES.

Nessa mesma direção, caminham as conclusões apresentadas por Andriola (2014) ao problematizar a cultura do acompanhamento de egressos nas IES brasileiras. O autor também chama a atenção para a escassez de iniciativas concretas por parte dessas instituições em consolidarem sistemas que efetivamente consigam atrair a colaboração dos egressos e reunir informações consistentes a respeito de suas trajetórias. Mesmo quando existentes, são poucos, segundo o autor, os sistemas cujas metodologias adotadas possibilitam uma análise mais

aprofundada das dimensões relacionadas aos reais impactos da formação sobre a trajetória profissional dos estudantes.

Com base nessas considerações, uma das conclusões possíveis é a de que não dispomos ainda, no contexto brasileiro, de uma convicção consolidada a respeito da importância da produção de iniciativas voltadas ao acompanhamento de egressos do ensino superior. De fato, essa constatação não deixa de ter a sua parcela de plausibilidade, sobretudo se tomarmos como parâmetro as experiências internacionais destacadas por Paul (2015). No entanto, é necessário observar que as experiências de acompanhamento de egressos não se restringem ao estabelecimento de portais e sistemas desenvolvidos pelas próprias IES.

Saindo da seara das iniciativas institucionais de acompanhamento de egressos e tomando-se em consideração a literatura acadêmica nacional das pesquisas produzidas com egressos do ensino superior, nota-se uma situação um pouco mais promissora quanto ao reconhecimento da relevância de analisar as trajetórias de estudantes após a titulação. Um atento levantamento bibliográfico sobre a temática dos egressos do ensino superior brasileiro atesta a existência de inúmeras iniciativas independentes de investigação sendo conduzidas no âmbito do contexto acadêmico nacional, dando corpo a uma significativa literatura constituída por livros, teses, dissertações e artigos científicos dedicados a apresentar resultados de investigações empíricas conduzidas com egressos de diferentes áreas de formação.

Uma discussão mais aprofundada acerca das características de parte dessa produção nacional sobre egressos do ensino superior será objeto do tópico seguinte deste texto. Cabem aqui, entretanto, algumas considerações a respeito de como aparece, nos trabalhos produzidos em solo brasileiro, a justificativa sobre a relevância de pesquisar egressos. Afinal, quais as razões alegadas pelos pesquisadores brasileiros para justificar a importância de se tomar egressos do ensino superior como alvos de pesquisa? Para responder a essa pergunta, procedemos a uma análise de diferentes trabalhos sobre egressos do ensino superior com o intuito de examinar a justificativa comumente alegada pelos pesquisadores para se recorrer a essa estratégia. Desse exame, verificamos que três vertentes de argumentação se destacam, todas elas reveladoras de alternativas que as pesquisas de egressos oferecem à produção de conhecimentos relacionados a problemáticas presentes no campo da educação superior.

A primeira dessas vertentes dialoga com as discussões em torno da temática da avaliação do ensino superior (ANDRIOLA, 2014; COELHO; OLIVEIRA, 2012; MEIRA; KURCGANT,

2009; VASCONCELOS; PEREIRA, 2015). Os estudos que se alinham a essa vertente tomam a avaliação como um mecanismo indispensável para o monitoramento e aprimoramento da qualidade da formação ofertada pelas IES, bem como uma prática que tende a favorecer o aumento da transparência das realizações institucionais tanto para a comunidade universitária como para a sociedade de uma maneira geral. A averiguação da opinião dos egressos a respeito da formação por eles recebida é tida como uma das diferentes estratégias para se garantir um processo mais efetivo e abrangente de avaliação.

Os estudos que adotam essa perspectiva partem da premissa de que o egresso enfrenta, no seu cotidiano de trabalho, situações complexas, que o levam a confrontar as competências desenvolvidas durante o curso com as requeridas no cotidiano da atuação profissional. De posse dessas informações, torna-se possível para as IES avaliarem a adequação da estrutura pedagógica do curso, assim como analisar a presença de aspectos intervenientes no processo de formação acadêmica.

A segunda vertente, também alinhada a uma perspectiva avaliativa, chama a atenção para as contribuições dos estudos de egressos para a avaliação de programas e políticas públicas na área educacional (AMARAL; OLIVEIRA, 2011; DAZZANI; LORDELO, 2012; LIMA *et al.*, 2019; LORDELO *et al.*, 2012; PIRES, 2009; VARGAS, 2011). Nesse caso, busca-se enaltecer a relevância da avaliação de programas sociais e educacionais como um mecanismo de regulação social da ação pública. Dentre programas educacionais voltados ao ensino superior dos quais encontramos egressos estudados, cabe citar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), programas vinculados a políticas de ação afirmativa para ingresso e permanência no ensino superior, dentre outros.

Os estudos dedicados a estudar os impactos de políticas educacionais estão geralmente interessados em garantir a aferição da eficiência e do valor público da ação pleiteada pelos programas. Quanto ao reconhecimento da importância das pesquisas de egressos, pesquisadores interessados na avaliação de programas educacionais salientam que as trajetórias de estudantes que se beneficiaram de políticas públicas específicas no decorrer de sua formação devem ser tomadas como fontes privilegiadas de informações a respeito do quão bem-sucedidas tais iniciativas têm sido em termos de suas condições de alcance, efeitos e capacidade de produzir transformações (DAZZANI; LORDELO, 2012).

Por fim, a terceira das vertentes identificadas condensa um conjunto de pressupostos a respeito da proficuidade das pesquisas de egressos como estratégia de aproximação com diferentes problemáticas que povoam a interface entre ensino superior e mundo do trabalho. Apesar da amplitude dessa vertente, cabe mencionar alguns dos temas que costumam ser enfocados pelos estudos que se alinham às suas características: transição da universidade para o mundo do trabalho (CARNEIRO; SAMPAIO, 2016; KNABEM; RIBEIRO, 2015; MATTOSINHO *et al.*, 2010), impactos materiais e simbólicos da formação de nível superior (FALCÃO, 2019; FERREIRA; ABRANCHES, 2018; FERRUGINI; CASTRO, 2015; OLIVEIRA, 2019), condições de inserção profissional e características do mercado de trabalho (COLENCI; BERTI, 2012; FURTADO; SANTIAGO, 2015; VARGAS, 2019), escolhas profissionais e planejamento de carreira (AMORIM, 2019; SOUTO; PAIVA, 2013; FELICETTI, 2018), desenvolvimento de competências profissionais (BARRESE; BASTONI; NOGUEIRA, 2017; VALADÃO JÚNIOR; RODRIGUES, 2012), etc.

Como podemos notar, trata-se de um espectro bem amplo de possibilidades investigativas, o que sem dúvida justifica o crescimento do interesse pelas pesquisas de egressos do ensino superior no Brasil, especialmente levando-se em consideração o acirramento da complexidade que cada vez mais passa a caracterizar as intersecções entre educação e mundo do trabalho (POCHMANN, 2012). Não obstante, dada a dificuldade de se encontrar trabalhos que se dedicam a refletir sobre aspectos conceituais e metodológicos das pesquisas de egressos no contexto nacional, é possível afirmar estarmos ainda diante de um campo de investigação subexplorado por pesquisadores brasileiros. Além do mais, pouco se tem produzido em termos de revisões bibliográficas ou articulação de referenciais teórico-metodológicos capazes de subsidiar estudos com essa temática. Parte das motivações que nos levaram a produzir o presente trabalho está relacionada ao interesse de contribuir com a redução dessas lacunas.

3 Pesquisas de egressos do ensino superior no Brasil: um campo em construção

A literatura dedicada a tratar sobre as pesquisas de egressos no Brasil é bastante esparsa, estando registrada em livros, teses, dissertações, capítulos de livros, textos em anais de eventos e artigos em periódicos. Dada a amplitude e o volume do conjunto dessas publicações, uma apresentação minuciosa do estado da arte da produção acadêmica sobre egressos do ensino

superior no Brasil demandaria a construção de um estudo à parte, fugindo, portanto, ao escopo deste trabalho. Em conformidade com os propósitos deste artigo, concentrar-nos-emos em apresentar algumas características desse campo de estudos, tomando como base um recorte de pesquisas divulgadas por meio de artigos publicados em periódicos científicos nacionais nos 20 anos (2001-2020) que antecederam à elaboração deste levantamento.

Para tanto, procedemos inicialmente a um levantamento bibliográfico nas bases de dados Scielo, Redalyc, Scopus, Pepsyc, SocIndex, Educ@ e Web of Science, valendo-nos do cruzamento dos descritores “egressos” e “ensino superior”⁴. Em seguida, selecionamos somente pesquisas de caráter empírico, isto é, que se dedicaram a analisar a temática dos egressos mediante um delineamento de investigação centrado na coleta de dados sobre o perfil, os destinos e as trajetórias dos egressos de cursos de nível superior.

Com base nesses critérios, chegamos à seleção de 99 artigos (RELAÇÃO..., 2021)⁵, dos quais nos dedicamos a analisar os resumos e os tópicos de introdução e metodologia. A análise dos estudos encontrados guiou-se pelas seguintes questões: como costumam ser realizados os estudos com egressos do ensino superior no Brasil? De que técnicas metodológicas se valem no processo de coleta de dados? De que temas geralmente tratam? Em que medida as pesquisas produzidas dialogam entre si? É possível falar na existência de um campo das pesquisas de egressos do ensino superior no Brasil?

Um primeiro aspecto a se destacar é que, independentemente do ponto de vista que levemos em conta (metodológico, teórico ou temático), o conjunto das pesquisas de egressos é caracterizado por uma marcante heterogeneidade. Trata-se de estudos realizados com egressos de diferentes áreas, sendo que algumas se destacam por serem contempladas por um volume maior de investigações: Enfermagem (13), Administração (12), Pedagogia ou Educação (8), Medicina (7), Ciências Contábeis (7), Cursos de Licenciatura (6), Educação Física (5), e Psicologia (3). Há

⁴ Cabe ressaltar que o número de pesquisas localizadas poderia ser ainda maior desde que ampliássemos a busca mediante a utilização de outros descritores que geralmente aparecem associados às pesquisas de egressos de cursos de ensino superior, tais como “graduados”, “pós-graduados”, “formados”, “recém-formados”, etc. Optamos por nos ater somente à utilização do cruzamento desses dois descritores por já nos colocar em contato com um número de trabalhos suficiente para nos permitir cumprir um dos objetivos do presente estudo, que é o de traçar uma breve caracterização do campo das pesquisas de egressos no Brasil. Ademais, é preciso advertir que o não aparecimento do termo “egresso”, seja no título ou nas palavras-chave do trabalho, pode ter dificultado a captação de estudos que poderiam constar no presente levantamento.

⁵ A listagem das referências dos artigos catalogados por este levantamento pode ser consultada através do link: <https://scholar-tools.github.io/pesquisa.com/egressos/>.

também uma quantidade significativa de estudos (10) que não elegem uma área ou um curso específico para investigação, tomando ao mesmo tempo egressos de cursos diversos dentro de uma mesma IES ou de IES diferentes. Quanto ao nível de ensino, predominam largamente as pesquisas realizadas com egressos de cursos de graduação. Dos 99 artigos analisados, 69 (69,7%) foram desenvolvidos com egressos graduados, sendo o restante dividido entre 27 (27,3%) com egressos pós-graduados *Stricto Sensu*, dois com pós-graduados *Lato Sensu* (2%) e um que analisa conjuntamente egressos da pós-graduação *Stricto* e *Lato Sensu*.

Outra característica que chama a atenção é o crescimento de publicações relacionadas a essa temática nos últimos anos. A imensa maioria dos artigos identificados (80,8%) foram publicados nos dez anos que antecederam à elaboração deste artigo, isto é, entre 2011 e 2020. Essa constatação nos permite inferir estarmos diante de um campo em franca expansão no cenário acadêmico nacional, pelo menos desde que levemos em consideração o aumento significativo, nos últimos anos, da produção de estudos empíricos interessados em analisar a temática egressos.

Do ponto de vista da abordagem metodológica adotada pelos estudos, as pesquisas quantitativas predominam em relação às qualitativas e quali quantitativas: 46 (46,4%) dos estudos analisados adotam uma abordagem exclusivamente quantitativa, enquanto 36 (36,4%) conjugam procedimentos quantitativos e qualitativos, e 17 (17,2%) seguem uma abordagem exclusivamente qualitativa. O relativo predomínio de estudos exclusivamente quantitativos revela um certo perfil hegemônico das pesquisas produzidas com egressos no Brasil, na grande maioria das vezes, preocupadas em mapear e descrever aspectos estruturais sobre a trajetória dos sujeitos pesquisados, mas com pouco espaço para a contemplação de elementos que digam respeito aos sentidos atribuídos às suas experiências após a titulação. Evidentemente, não há como negar que isso guarda alguma relação com a amplitude do universo de sujeitos a serem investigados, sendo realmente pouco provável que um único estudo consiga abarcar, em uma perspectiva qualitativa, aspectos de ordem subjetiva de um contingente tão amplo de indivíduos. Essa ressalva, entretanto, não nos impede de constatar que permanece ainda um desafio, para esse campo de investigação, criar alternativas para que a perspectiva e a voz dos egressos estejam mais presentes nos estudos produzidos com essa temática.

Quanto aos procedimentos de investigação utilizados, a aplicação de questionários (estruturados ou semiestruturados) foi empregada por 78 (78,8%) dos estudos analisados, sendo

em 61 (61,6%) pesquisas o único procedimento utilizado para coleta de informações sobre os egressos, e em 17 (17,1%) aparecendo como recurso metodológico conjugado a outras estratégias de investigação, como entrevistas, análise documental, grupo focal etc. A realização de entrevistas aparece como segundo procedimento mais frequente: foram utilizadas em 27 (27,3%) dos trabalhos, ora de forma isolada (10,1%), ora conjugadas a outros procedimentos investigativos (17,1%). Além dos procedimentos aqui citados, aparecem como recursos metodológicos, ainda que de forma menos frequente: análise documental ou curricular (12,1%), encontros grupais (5%), observações, estudos de caso e análise de banco de dados (estes três últimos, com aproximadamente 1% cada).

No que diz respeito ao enfoque temático, o que verificamos é que, não obstante a marcante heterogeneidade entre as pesquisas de egressos, é com relação a esse aspecto que elas menos se diferenciam, pelo menos desde que levemos em consideração uma delimitação mais ampliada dos diferentes temas abordados. Os dois enfoques temáticos que mais apareceram contemplados, nas pesquisas analisadas, foram: “trajetórias e destinos profissionais dos egressos” (74,7%) e “avaliação dos egressos sobre a formação recebida” (47,5%), sendo que em 37,3% dos estudos esses dois enfoques aparecem articulados dentro da mesma investigação. Chama ainda a atenção o aparecimento de outros dois enfoques temáticos, ainda que com frequência consideravelmente menor do que os dois de maior recorrência: levantamento e análise da produção científica de egressos (5%) e a avaliação de programas educacionais, como programas de Iniciação Científica ou Iniciação à Docência (4%).

Por fim, é oportuno tecer algumas considerações a respeito da dispersão dos estudos analisados. Conforme constatamos, é inegável o aumento do interesse pela produção de pesquisas de egressos no Brasil, sobretudo nos últimos dez anos. A multiplicidade das áreas investigadas e a amplitude do escopo analítico dos estudos já produzidos evidenciam a robustez do potencial investigativo demonstrado pelas pesquisas de egressos, o que nos permite vislumbrar um caminho promissor para o desenvolvimento de novos esforços de investigação no escopo dessa temática no decorrer dos próximos anos.

Cumpra, entretanto, questionar: seria adequado considerar que dispomos de um campo consolidado de pesquisas de egressos no Brasil? Entendemos não haver ainda entre as pesquisas produzidas uma interarticulação satisfatória que nos permita responder positivamente a essa questão. Há, inclusive, no âmbito da maior parte dos trabalhos analisados, pouca menção a outras

pesquisas de egressos, indicando ser precário, no âmbito das diferentes experiências já realizadas, o reconhecimento de pertencimento a um campo comum de problematizações. O mais prudente seria considerar estarmos diante de um campo em construção, ainda que com forte perspectiva de expansão e consolidação no contexto acadêmico nacional.

Outro ponto a ser destacado é que ainda não se tem no Brasil um arcabouço teórico-conceitual produzido a partir de uma reflexão em torno da temática dos egressos do ensino superior. A ausência de referenciais teóricos capazes de aglutinar uma discussão mais específica sobre essa área de investigação faz com que cada pesquisador que resolva se aventurar nesse caminho necessite recorrer integralmente a referenciais presentes em outros campos mais bem consolidados do ponto de vista teórico-metodológico, dentre os quais, para ficar nos exemplos mais recorrentes, os estudos sobre o mundo do trabalho, as discussões sobre a formação profissional e as discussões sobre a avaliação da qualidade do ensino superior. Embora isso não tenha que necessariamente ser encarado como um problema, não deixa de ser revelador do quanto ainda está por se construir um quadro teórico-conceitual capaz de subsidiar e fomentar esforços de uma maior articulação entre as investigações sobre egressos no Brasil.

A análise da literatura de estudos produzidos com egressos no contexto brasileiro mostra a diversidade das perspectivas a partir das quais é possível explorar o fenômeno “trajetória de egressos”. Aspectos como a qualidade do ensino superior, impactos econômicos da formação universitária, inserção profissional e transição universidade-trabalho, ganhos de capital cultural proporcionado pela formação, entre inúmeros outros, apresentam-se como chaves de leitura recorrentemente utilizadas como eixos analíticos de temáticas ligadas a esse campo. No tópico seguinte, nos concentraremos em alertar para a proficuidade da interlocução das pesquisas de egressos com o campo da Psicologia Social que se dedica a investigar a temática da carreira na contemporaneidade, tomando como ponto de partida o constructo de carreira psicossocial desenvolvido por Marcelo Afonso Ribeiro. Nosso objetivo é sustentar o argumento em favor das vantagens que um olhar psicossocial para as trajetórias de vida de trabalho pode trazer ao desenvolvimento de estudos sobre egressos do ensino superior.

4 Por uma abordagem psicossocial no estudo das trajetórias de egressos do ensino superior

Como já assinalado, as primeiras pesquisas desenvolvidas com egressos do ensino superior tiveram sua acolhida nos campos da sociologia e da economia. Isso porque os interesses

desse estudos pioneiros estavam voltados para aspectos mais diretamente associados às dimensões sociais envolvidas no fenômeno da massificação do acesso à educação superior e aos impactos, sobretudo econômicos, que esse processo poderia acarretar para a dinâmica de qualificação da mão de obra e para o mercado de trabalho. Atualmente, entretanto, já não é mais possível reconhecer o interesse por pesquisar egressos como terreno privilegiado de uma ou algumas poucas disciplinas específicas, uma vez que a própria interface entre educação e mundo do trabalho torna-se uma seara de investigação intrinsecamente transdisciplinar.

Nos dois tópicos anteriores, nos concentramos em apresentar um panorama do campo das pesquisas de egressos do ensino superior, sobretudo no contexto acadêmico nacional. Na presente seção, nos dedicaremos a evidenciar as vantagens que a interlocução com uma abordagem psicossocial da noção de carreira tende a proporcionar para as pesquisas cujo eixo temático central consista em analisar a trajetória profissional de egressos do ensino superior. Para tanto, estruturaremos nossa argumentação em dois momentos. Inicialmente, buscaremos destacar a relevância que enxergamos nas possibilidades de interlocução das pesquisas de egressos com o campo dos estudos sobre a carreira. Em seguida, sinalizaremos a adoção de uma abordagem psicossocial da noção de “trajetória” como um caminho promissor para se estabelecer essa interlocução.

A respeito das vantagens proporcionadas pela interlocução do campo das pesquisas de egressos com os estudos sobre a carreira, convém salientar que, embora a análise das trajetórias profissionais se constitua como o enfoque temático mais recorrente nas pesquisas de egressos produzidas no Brasil (conforme examinado no tópico anterior), pouco ainda foi produzido em termos de análises acerca de como as transformações mais amplas no mundo do trabalho impactam as diferentes modalidades de carreira associadas às formações de nível superior. Como será discutido mais adiante, as mutações que afetam o universo sociolaboral e, por consequência, as condições de construção das trajetórias profissionais, não atingem uniformemente todos os tipos de carreira e/ou áreas profissionais. Em face disso, as pesquisas de egressos se apresentam como recursos valiosos para a compreensão das especificidades nos modos como cada tipo de área ocupacional é afetada por essas transformações.

Existe um relativo consenso no âmbito da literatura acadêmica dedicada a tratar das características do mundo contemporâneo do trabalho que demonstram estarmos em meio a um processo marcado por intensas transformações. O fenômeno da reestruturação produtiva,

acentuado pelas crises estruturais do capitalismo no último quartel do século XX, traz como principais implicações uma série de modificações não só nos modos e ambientes de trabalho como nos sentidos que as pessoas passam a conferir à sua vida profissional. A retração dos postos de trabalho no setor industrial, acompanhada de uma expansão do setor de serviços, leva a um deslocamento da predominância do emprego de tipo formal, estável e regulamentado, para um tipo de trabalho cada vez mais flexibilizado, transitório, desregulamentado e, por vezes, precarizado (ANTUNES, 2015).

Do ponto de vista das implicações para a relação dos trabalhadores com a construção de suas trajetórias profissionais, os impactos dessas transformações são bastante significativos. Como salienta Ribeiro (2009; 2014), os processos de flexibilização, heterogeneização e complexificação do mundo do trabalho e das empresas, iniciados nas décadas finais do século XX, tiveram como um de seus principais efeitos a ruptura do emprego estável e organizacional como modelo hegemônico de inserção profissional e vínculo com o trabalho. Em suma, a carreira de tipo organizacional perdeu a centralidade como expressão mais recorrente de carreira profissional, o que não significa o fim da noção de carreira, mas antes o surgimento de novos modelos e possibilidades de constituição de trajetórias e vínculos com o trabalho.

Ribeiro (2009; 2014) salienta ainda que esse cenário traz desafios cruciais para os estudos contemporâneos sobre a carreira. Um dos principais desafios passa a ser o de se compreender o que há de mudanças e de permanências nesse processo. Afinal, é preciso estar atento ao fato de que reconhecer a intensidade e a complexidade das transformações contemporâneas do trabalho não significa negar a existência de continuidades. O máximo que podemos afirmar é que estamos diante de uma conjuntura que passa por processos acentuados de transição, mas, ao mesmo tempo, na qual formas tradicionais de estruturação da vida de trabalho seguem operando, ainda que sem o mesmo vigor de outrora.

Nessa mesma direção, Dowbor (2002) salienta que, embora seja preciso reconhecer que a intensificação tecnológica de áreas produtivas tradicionais alterou de maneira significativa as condições para a realização do trabalho no âmbito dos mais variados setores produtivos da economia, não cabe uma generalização analítica a respeito dos impactos dessas transformações sobre as diferentes formas de ocupação. O autor enfatiza a importância de não se desprezar as especificidades das dinâmicas setoriais que compõem esse complexo amálgama de funções, relações e atividades que genericamente designamos como “mundo do trabalho”. Mesmo que,

por exemplo, nos atenhamos somente ao conjunto de atividades atinentes ao que costuma ser designado como “setor de serviços”, existe nesse universo uma infinidade de subcampos que vão desde ofícios ligados a processos extremamente sofisticados de inovação ou aplicação tecnológica a trabalhos na área das políticas sociais em que o fator humano continua ainda fundamentalmente decisivo. Atentar-se à diversidade dos modos pelos quais uma dada transformação, seja ela de natureza tecnológica, estratégica ou organizacional, alcança e afeta esses diferentes campos de atividade ajuda a prevenir visões simplificadoras e generalizantes sobre as mutações que impactam o trabalho na sociedade contemporânea.

O que podemos sustentar com bastante segurança é que as transformações presentes ou em curso no mundo do trabalho, em maior ou menor escala, repercutem decisivamente sobre a vida dos trabalhadores contemporâneos, não somente no aspecto material (salários, jornadas, condições de trabalho, proteção social etc.), mas, sobretudo, nas dimensões da consciência, da subjetividade do trabalho e das suas formas de representação (ANTUNES, 2009). Quanto a esse aspecto em particular, Sennet (2006) sintetiza, de maneira bastante sensível, as repercussões subjetivas que as novas formas de organização da vida de trabalho impõem aos trabalhadores. Ao tratar da disfuncionalidade assumida contemporaneamente pelas narrativas de longo prazo, o autor argumenta que, em um mundo no qual passa a prevalecer a lógica da flexibilidade e dos fluxos de curto prazo, os indivíduos são desencorajados a empreender planejamentos com prazos mais alargados, comprometendo a constituição de narrativas articuladoras de projetos duradouros. Nas palavras do autor,

[...] esse mundo não oferece muita coisa, econômica ou socialmente, para a narrativa. As empresas se dividem ou fundem, empregos surgem e desaparecem, como fatos sem ligações. A destruição criativa, disse Schumpeter, pensando nos empresários, exige pessoas à vontade em relação a não calcular as consequências da mudança, ou a não saber o que virá depois. (SENNET, 2006, p. 32).

Compreender os efeitos dessa nova conjuntura sobre o modo como as pessoas passam a lidar com a construção de suas trajetórias de vida de trabalho torna-se um desafio incontornável para o campo dos estudos sobre a carreira. A própria noção tradicional de carreira, entendida como um percurso mais ou menos sequencial, estável e progressivo de vinculações com o trabalho carece ser ressignificada em face de um contexto no qual as discontinuidades se tornam muito mais recorrentes.

Ao longo do século XX, predominou, para uma parcela considerável dos trabalhadores, um cenário no qual as trajetórias profissionais dependiam primordialmente da estabilidade pessoal e do vínculo objetivo com um empregador. Nesse contexto, a carreira podia ser previamente determinada dependendo da empresa na qual a pessoa se empregava, e o planejamento dessa carreira era uma construção que, via de regra, ficava a cargo sobretudo dos empregadores. Na exata medida em que os vínculos profissionais se tornaram mais instáveis e as mudanças de trajetória mais constantes, os encargos do planejamento da vida profissional passaram a recair mais pesadamente sobre os próprios indivíduos (DIAS; SOARES, 2009).

Para Ribeiro (2014), essa transição conjuntural que ocorre no mundo do trabalho explica, em forte medida, o atual crescimento da atenção que passa a ser dada à noção de carreira no âmbito das ciências do trabalho (sociologia do trabalho, psicologia social do trabalho, administração etc.). No quadro de uma conjuntura na qual a ideia de carreira era fundamentalmente entendida como sinônimo de planos organizacionais (com relativa perspectiva de estabilidade e perenidade no tempo), pouco interesse despertava como objeto de investigação, a não ser quanto aos processos de ajustamento ou adaptação das pessoas ao trabalho. Em contrapartida, a partir do momento em que os vínculos com o trabalho se tornaram mais fluidos e contingentes, as pessoas passaram a se ver como mais entregues aos próprios esforços individuais na busca por garantir algum nível de estabilidade ou prospectividade às suas trajetórias.

Por tudo o que foi até aqui apresentado, reiteramos a nossa percepção de que as pesquisas de egressos, em razão da oportunidade que oferecem para o exame de trajetórias que vão da formação profissional às experiências de inserção no mercado de trabalho, apresentam-se como um recurso de investigação consistentemente vantajoso para auxiliar na compreensão dos modos de configuração das carreiras contemporâneas. Além do mais, podem contribuir com as instituições de formação e qualificação profissionais no sentido de melhor se situarem com relação à realidade profissional que os seus egressos vêm enfrentando. Afinal, como salienta Pochmann (2012), as mudanças que afetam o universo do trabalho acarretam a emergência de requisitos inéditos para a formação de um novo tipo de trabalhador, impondo aos sistemas tradicionais de formação e qualificação profissional, herdados das sociedades urbano-industriais, a necessidade de se permitirem passar por revisões e atualizações.

Não se deve perder de vista, entretanto, a relevância de um melhor refinamento dos referenciais teórico-analíticos para a produção de pesquisas de egressos, o que nos conduz ao

segundo ponto desta seção. Como já anunciamos, é de interesse do presente trabalho apresentar ferramentas teórico-conceituais que possam subsidiar a operacionalização de estudos dedicados a enfocar trajetórias de egressos do ensino superior. No entanto, é necessário destacar que a própria noção de “trajetória”, amplamente utilizada nas pesquisas que tivemos a oportunidade de analisar, carece de uma elaboração teórica mais precisa, na medida em que aparece empregada na maior parte das vezes como um conceito meramente descritivo e sem grande necessidade de elaboração. A constatação dessa lacuna nos despertou para a necessidade de buscar por interlocução com o campo dos estudos sobre a carreira, que compartilha com as pesquisas de egressos um interesse em comum pela temática das trajetórias, conforme buscaremos discutir na sequência deste trabalho.

De acordo com Ribeiro (2014), a carreira tem uma dupla dimensão constitutiva: os “projetos de vida de trabalho” (por sua vez constituídos pelos “planos de ação” e pelas “construções identitárias”) e as “trajetórias de vida de trabalho”. Para os propósitos da discussão que aqui estamos empreendendo, a dimensão que verdadeiramente desperta maior interesse no quadro da teorização desenvolvida por Ribeiro (2014) é a segunda dentre essas duas dimensões constitutivas da carreira (a noção de trajetória), tendo em vista ser também um objeto de especial interesse para as análises empreendidas no campo das pesquisas de egressos do ensino superior.

Cumpramos inicialmente explicitar os fundamentos em torno dos quais Ribeiro (2014) desenvolve a sua proposta de abordagem psicossocial da noção de carreira, e por extensão, das trajetórias de vida de trabalho. Conforme já discutido, dentre as principais consequências das transformações contemporâneas no mundo do trabalho está a progressiva perda de referenciais estáveis e estáticos para a construção das trajetórias profissionais. Nesse cenário, as concepções tradicionais de carreira, calcadas em uma lógica de linearidade e de relativa previsibilidade, tornam-se insuficientes para a compreensão da realidade atual das relações entre sujeitos e trabalho. A constatação dessa insuficiência levou Ribeiro (2014) a desenvolver uma abordagem teórico-conceitual para o estudo das carreiras, da qual aproveitaremos alguns elementos que julgamos pertinentes para a construção de um olhar sobre as dimensões psicossociais das trajetórias de egressos.

O cerne da perspectiva analítica elaborada por Ribeiro (2014) está na premissa da indissociabilidade entre dimensões sociais e subjetivas, expressa pelo conceito de “psicossocial”. Para o autor, historicamente prevaleceu, no campo das ciências do trabalho, uma visão

dicotomizada entre o individual e o social. Essa visão, porém, pouco traz de contribuições à análise das configurações contemporâneas das trajetórias profissionais na medida em que estas se tornam expostas a um conjunto muito mais amplo, difuso e inconstante de variáveis e fatores. Tanto um enfoque exclusivamente individual, que não leve em consideração as dinâmicas sociais, quanto um enfoque puramente social, que perde de vista as dimensões subjetivas do trabalho, pouco conseguem trazer em termos de contribuições à análise sobre o modo como as pessoas buscam construir as suas trajetórias profissionais em meio a uma conjuntura na qual prevalece uma maior instabilidade no que diz respeito às referências que balizam os processos de construção das carreiras.

Ribeiro (2014) encontra, no construcionismo social (ou socioconstrucionismo) (GERGEN, 1985; IBÁÑEZ, 1993; SPINK; FREZZA, 2000)⁶, as bases epistemológicas para a elaboração de uma abordagem psicossocial da carreira. Foge aos propósitos deste texto fazer uma exposição pormenorizada dos fundamentos da perspectiva socioconstrucionista, porém convém explicitar duas de suas premissas que estão no centro da construção da abordagem psicossocial proposta pelo autor: **1)** a realidade é intersubjetivamente constituída a partir das narrativas e práticas sociais geradas por processos relacionais, o que implica, portanto, reconhecer que os discursos socialmente compartilhados desempenham um papel constitutivo na construção da realidade; **2)** tal como a realidade, a subjetividade é socialmente construída pelas relações e práticas sociais nas quais são gerados significados que, como discursos possíveis, orientam as ações e experiências pessoais. Em suma, parte-se de uma visão da realidade e da subjetividade como formadas pelos discursos socialmente compartilhados que conferem sentido aos acontecimentos, experiências e percursos trilhados (RIBEIRO, 2014; SPINK, 2000).

Nesse sentido, é preciso frisar que uma abordagem psicossocial não tem como foco exclusivo nem o “subjetivo” nem o “social”, mas simultaneamente o entrecruzamento dessas duas dimensões, materializado no “relacional”. Nas palavras de Ribeiro (2014, p. 100),

[...] tanto o subjetivo quanto o social seriam polos extremos de uma mesma realidade discursiva processual global, que é produzida através de processos de construção e significação no seio das práticas e discursos sociais: do subjetivo ao social e vice-versa, num movimento contínuo. A realidade é sempre processual e discursiva, nunca substantiva.

⁶ Para uma análise detida acerca dos fundamentos do socioconstrucionismo (ou construcionismo social) em suas articulações com o campo da Psicologia Social, ver Gergen, Ibáñez, Spink e Frezza.

Como se pode notar, trata-se de uma perspectiva que atribui especial relevo à dimensão relacional entre aspectos pessoais e sociais, bem como uma particular importância ao papel desempenhado pela linguagem, consubstanciada nos discursos individual e socialmente produzidos. Parte-se da premissa de que é na esfera das práticas discursivas que se produzem as condições de interseccionalidade entre as dimensões objetivas (padrões coletivos) e subjetivas (singularidade), estando, portanto, na análise das narrativas que conferem sentido à realidade ocupacional, a chave para o acesso à dimensão psicossocial das trajetórias de vida de trabalho.

Como operador conceitual dessa perspectiva de análise sobre a carreira, Ribeiro (2009; 2014) cunha o conceito de “carreira psicossocial”, visando ao rompimento com a clássica dicotomia, preeminente nos campos da orientação profissional e dos estudos sobre carreira, entre carreira objetiva e carreira subjetiva. A proposta da carreira psicossocial tem como princípios centrais a indissociabilidade entre pessoal e social e a concepção da carreira como um fenômeno relacional constituído narrativamente a partir de discursos socialmente compartilhados. Do ponto de vista das pesquisas sobre a trajetória de egressos, nas quais o escopo da investigação nem sempre está relacionado à problemática mais ampla da carreira, defendemos ser possível se valer das formulações elaboradas por Ribeiro (2014) para esboçarmos o conceito de “trajetórias psicossociais”. Como um operador teórico-conceitual aplicado ao campo das pesquisas de egressos do ensino superior, essa noção tem como vantagem nortear o olhar para as trajetórias dos sujeitos pesquisados a partir de uma perspectiva interessada em compreender o que se produz na interface entre as condições objetivas e os fatores subjetivos que permeiam os percursos e experiências profissionais constituídos por esses sujeitos.

Cabe uma elucidação referente ao que implica, operacionalmente falando, estudar egressos a partir de uma abordagem psicossocial. A premissa de que o estudo das práticas discursivas é uma profícua via de acesso às dimensões psicossociais da realidade vivenciada pelos sujeitos convida-nos a um olhar mais atento sobre as narrativas por meio das quais os egressos atribuem sentido às suas trajetórias. Não se trata de desconsiderar a importância do levantamento de informações a respeito de aspectos objetivos, tais como empregabilidade, renda, vínculos trabalhistas, áreas de atuação etc. Muito pelo contrário, essas informações são de crucial importância para que se possa compreender as circunstâncias objetivas que permeiam a construção das trajetórias profissionais dos egressos. Adotar uma abordagem psicossocial sobre as trajetórias é ter em consideração que tão importante quanto levantar informações a respeito dos

percursos e da situação objetiva dos egressos no mercado de trabalho, é examinar os sentidos que os próprios egressos atribuem a esses aspectos constituintes de suas trajetórias.

Do ponto de vista teórico-metodológico, essa abordagem implica uma necessária interlocução com referenciais que subsidiam a análise de práticas discursivas. É importante não perder de vista que adotar uma abordagem psicossocial no estudo da trajetória de egressos é algo que está para além de simplesmente contemplar aspectos subjetivos e objetivos no âmbito de uma mesma pesquisa. O que efetivamente caracteriza uma abordagem psicossocial, em suma, é o delineamento de estratégias analíticas e metodológicas que: **a)** configuram-se a partir da premissa da indissociabilidade entre dimensões sociais e subjetivas; **b)** contemplam, no âmbito do planejamento investigativo, uma margem de atenção ao estudo dos pontos de vista dos próprios sujeitos a respeito das suas trajetórias e experiências; e **c)** privilegiam, em seu escopo de investigação, elementos como sentidos, significados, discursos, narrativas e perspectivas produzidas pelos sujeitos acerca de suas experiências (RIBEIRO, 2014).

A principal vantagem de uma abordagem psicossocial é a de propiciar o estudo de fenômenos e acontecimentos a partir de uma perspectiva dialógica entre o contextual e o singular. Essa dialogicidade abre diferentes possibilidades de enfoque temático e analítico sobre a trajetória dos egressos na medida em que a busca pela compreensão do que se produz na interface entre o social e o subjetivo inevitavelmente convoca o pesquisador a um direcionamento do olhar para os múltiplos condicionantes que atravessam essa intersecção, dentre os quais as dimensões de gênero, cor da pele, nível socioeconômico, trajetórias prévias de escolarização, condições materiais para dedicação ao curso etc.

Em um cenário no qual as macronarrativas teóricas se tornam insuficientes para dar conta de explicar a complexidade das experiências do mundo contemporâneo, as narrativas das pessoas sobre como vivenciam e procuram se organizar em meio a essas novas e cambiantes condições contextuais passam a se constituir como fontes privilegiadas de informação sobre as trajetórias de vida de trabalho (RIBEIRO, 2014). Daí a oportunidade de insistirmos na relevância de um enfoque psicossocial no estudo da trajetória de egressos do ensino superior.

5 Considerações finais

Foram metas deste artigo discutir a relevância social das pesquisas de egressos do ensino superior, traçar um panorama dos estudos produzidos com essa temática no Brasil e indicar

algumas reflexões teórico-conceituais capazes de proporcionar subsídios a pesquisadores interessados em construir investigações nessa seara, valendo-se de uma abordagem calcada na premissa da indissociabilidade entre dimensões sociais e subjetivas. A título de síntese, cabem algumas considerações a respeito do que o caminho percorrido para alcançar cada uma dessas metas nos trouxe de contribuição.

Acerca da relevância das pesquisas de egressos do ensino superior, buscamos evidenciar que, desde o surgimento das primeiras experiências no contexto europeu, o acompanhamento das trajetórias de pessoas que passaram por uma formação de nível universitário mostrou-se um recurso bastante eficaz para a produção de conhecimentos no campo de interface entre educação superior e mundo do trabalho. Isso se deve ao fato de os egressos se constituírem como o elemento comum mais diretamente acessível dessa relação. Tivemos a oportunidade de discutir que, no Brasil, a exploração desse potencial investigativo proporcionado pelas pesquisas de egressos é ainda incipiente, embora seja possível indicar alguns indícios de modificação nesse quadro ao longo, em especial, dos últimos dez anos.

As transformações no mundo do trabalho e o impacto que geram para a construção das trajetórias e carreiras socioprofissionais são uma das facetas mais sensíveis dos desafios colocados à agenda de discussões sobre os novos rumos da formação profissional. Nossa expectativa, no decorrer deste texto, foi mostrar que as pesquisas de egressos se apresentam como um recurso bastante profícuo para a produção de conhecimentos nesse campo de investigação. Além do mais, buscamos argumentar que existe um significativo potencial a ser explorado em termos da produção de estudos que enfoquem a dimensão psicossocial das trajetórias construídas pelos egressos, havendo, no campo dos estudos sobre a carreira, referenciais teórico-conceituais importantes para subsidiar pesquisas que caminhem nessa direção.

Abordar psicossocialmente a trajetória de egressos do ensino superior, na perspectiva em que aqui buscamos apresentar, implica manter-se constantemente atento à complexidade inerente à construção de trajetórias de vida de trabalho, justamente em função da pluridimensionalidade das determinações que permeiam a realização de escolhas e a construção de itinerários profissionais. A principal vantagem de uma abordagem psicossocial está em não se prender à análise de dimensões isoladas que atravessam a construção de percursos individuais, justamente por ter como enfoque a preocupação em compreender os processos por meio dos quais essas diferentes dimensões se entrecruzam na tecitura das trajetórias construídas pelos sujeitos.

Referências

- AMARAL, Daniela Patti; OLIVEIRA, Fátima Bayma. O Prouni e a conclusão do ensino superior: novas trajetórias pessoais e profissionais dos egressos. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 73, p. 861-890, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v19n73/08.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2021.
- AMORIM, Marina Alves. Entre a opção pela licenciatura e a permanência na profissão docente: reflexões com base em uma pesquisa com egressos do curso de história da UFMG. *In: LAS CASAS, Estevam Barbosa; CUNHA, Daisy; QUEIROZ, Tatiana (org.). UFMG pesquisa egressos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019. p. 63-80.
- ANDRIOLA, Wagner Bandeira. Estudo de egressos de cursos de graduação: subsídios para a autoavaliação e o planejamento institucionais. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 54, p. 203-219, out./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n54/a13n54.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- BARRESE, Paula Filócomo; BASTONI, Thayse Ruas; NOGUEIRA, Daniel Ramos. Percepção sobre o desenvolvimento de competências profissionais no curso de ciências contábeis de acordo com o IAESB: uma análise com os egressos de 2011 a 2015. **Revista Unemat de Contabilidade**, Mato Grosso, v. 6, n. 11, p. 66-89, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ruc/article/view/1526/0>. Acesso em: 3 fev. 2020.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004**. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES e dá outras Providências. Brasília: Presidência da República, 2004a.
- BRASIL. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES). **Roteiro de Auto-avaliação Institucional**: orientações gerais. Brasília: MEC/INEP/CONAES, 2004b.
- CARNEIRO, Virgínia Teles; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. Em busca de emprego: a transição de universitários e egressos para o mundo do trabalho. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 41-63, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/2215/2775>. Acesso em: 22 set. 2020.
- COELHO, Maria do Socorro Costa. Opinião: egresso e universidade. **Beira do Rio – Jornal da Universidade federal do Pará**, Pará, v. 24, n. 72, p. 2, 2009. Disponível em: <https://issuu.com/beiradorio/docs/beira72>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- COELHO, Maria do Socorro da Costa; OLIVEIRA, Ney Cristina Monteiro. Os egressos no processo de avaliação. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 1-19, ago. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/10855>. Acesso em: 27 out. 2020.

COLENCI, Raquel; BERTI, Heloísa Wey. Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de egressos de graduação em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 158-166, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n1/v46n1a22.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2020.

DAZZANI, Maria Virgínia Machado; LORDELO, José Albertino Carvalho. A importância dos estudos com egressos na avaliação de programas. In: LORDELO, José Albertino Carvalho; DAZZANI, Maria Virgínia Machado (org.). **Estudos com estudantes egressos: concepções e possibilidades metodológicas na avaliação de programas**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 15-22.

DIAS, Filipe José; NUNES, Rogério da Silva. Acompanhamento de egressos de cursos de graduação. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA, 17., 2007, Mar del Plata. **Anais [...]**. Mar del Plata: UFSC; Universidade Mar del Plata, 2017. p. 1-13.

DIAS, Maria Sara de L.; SOARES, Dulce Helena Penna. **Planejamento de carreira: uma orientação para estudantes universitários**. São Paulo: Vetor, 2009.

DOWBOR, Ladislau. **O que acontece com o trabalho?** 2. ed. São Paulo, SENAC, 2002.

FALCÃO, Beatriz Lopes. Os não herdeiros: impactos de cursos de alto prestígio para egressos das camadas populares. In: LAS CASAS, Estevam Barbosa; CUNHA, Daisy; QUEIROZ, Tatiana (org.). **UFMG pesquisa egressos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019. p. 201-218.

FELICETTI, Vera Lucia. Egressos das licenciaturas: o que move a escolha e o exercício da docência. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 67, p. 215-232, jan./fev. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/v34n67/0104-4060-er-34-67-215.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2020.

FERREIRA, André; ABRANCHES, Caroline Salles. Desempenho acadêmico versus renda: análise comparativa realizada com egressos de um curso de administração. **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 11, n. 3, p. 1-19, set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2018v11n3p01/37277>. Acesso em: 28 jan. 2021.

FERRUGINI, Lílian; CASTRO, Cleber Carvalho de. Repercussões socioeconômicas do curso piloto de administração da UAB na visão de egressos e coordenadores. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 993-1008, out./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v41n4/1517-9702-ep-s1517-9702201506132787.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2021.

FURTADO, Roberto Pereira; SANTIAGO, Lorena Paes. Educação Física e trabalho: considerações a respeito da inserção profissional de egressos da FEF-UFG. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 325-336, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbefe/v29n2/1807-5509-rbefe-29-02-00325.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.

GERGEN, Kenneth. The social constructionist movement in modern Psychology. **American Psychologist**, Washington, DC, v. 3, n. 40, p. 266-275, 1985.

IBAÑEZ, Thomáz. Construcionismo y psicología. **Revista Interamericana de Psicología**, Argentina, n. 28, v. 1, p. 102-123, 1993.

KNABEM, Andréa; RIBEIRO, Marcelo Afonso. Transição universidade-mundo do trabalho: trajetórias profissionais e projetos de vida de egressos do ensino superior. *In: RAITZ, Tânia Regina; FIGUERA-GAZO, Pilar (org.). **Transições dos estudantes**: reflexões ibero-americanas.* Curitiba: CRV, 2015. p. 89-106.

LIMA, Luciana Conceição *et al.* Quem são os alunos e egressos cotistas negros e indígenas das universidades públicas do Brasil? Breve nota sobre o perfil dos participantes da pesquisa Trajetórias de Cotistas. *In: LAS CASAS, Estevam Barbosa; CUNHA, Daisy; QUEIROZ, Tatiana (org.). **UFMG pesquisa egressos**.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019. p. 383-398.

LORDELO, José Albertino Carvalho *et al.* Desafios em pesquisas com egressos: o caso da iniciação científica na graduação. *In: LORDELO, José Albertino Carvalho; DAZZANI, Maria Virgínia Machado (org.). **Estudos com estudantes egressos**: concepções e possibilidades metodológicas na avaliação de programas.* Salvador: EDUFBA, 2012. p. 135-146.

MATTOSINHO, Mariza Maria Serafim *et al.* Mundo do trabalho: alguns aspectos vivenciados pelos profissionais recém- formados em enfermagem. **Acta paulista de enfermagem**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 466-471, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ape/v23n4/04.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

MEIRA, Maria Dyrce Dias; KURCGANT, Paulina. Avaliação de Curso de Graduação segundo egressos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 481-485, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n2/a31v43n2.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2020.

OLIVEIRA, Débora Fernandes de Miranda. Rendimentos materiais e simbólicos do diploma de licenciatura em língua inglesa: estudo sobre egressos do curso de letras da UFMG. *In: LAS CASAS, Estevam Barbosa; CUNHA, Daisy; QUEIROZ, Tatiana (org.). **UFMG pesquisa egressos**.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019. p. 43-62.

PAUL, Jean-Jacques. Acompanhamento de egressos do ensino superior: experiência brasileira e internacional. **Caderno CRH**, Salvador, v. 28, n. 74, p. 309-326, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccrh/v28n74/0103-4979-ccrh-28-74-0309.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2021.

PIRES, Regina Celi. Machado. Formação inicial do professor pesquisador através do programa PIBIC/CNPq: o que nos diz a prática profissional de egressos? **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, Sorocaba, v. 14, n. 2, p. 487-514, jul. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v14n2/a12v14n2.pdf>. Acesso em: 22 out. 2020.

POCHMANN, Marcio. Trabalho e formação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 491-508, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n2/09.pdf>. Acesso em: 6 maio 2020.

RELAÇÃO de estudos empíricos realizados com egressos do Ensino Superior (2001-2020). Scholar-tools, 2021. Disponível em: <https://scholar-tools.github.io/pesquisa.com.egressos/>. Acesso em: 24 fev. 2021.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 203-216, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25750>. Acesso em: 19 nov. 2020.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. **Carreiras**: novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado. Curitiba: Juruá, 2014.

SCHOMBURG, Harald; TEICHLER; Ulrich. Creciente potencialidad de la investigación sobre alumno para la reforma curricular: experiencias de un instituto de investigación alemán. *In: TEICHLER, Ulrich. (org.). **Graduados y empleo**: investigación, metodología y resultados: los casos de Europa, Japón, Argentina y Uruguay.* Buenos Aires: Miño y Dávila, 2005. v. 1, p. 161-182.

SCHOMBURG, Harald; TEICHLER; Ulrich. **Higher education and graduate employment in Europe**: results from graduate surveys from twelve countries. Dordrecht: Springer, 2006.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SOUTO, Romélia Mara Alves; PAIVA, Paulo Henrique Apipe Avelar. A pouca atratividade da carreira docente: um estudo sobre o exercício da profissão entre egressos de uma Licenciatura em Matemática. **Pro-Posições**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 201-224, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pp/v24n1/v24n1a13.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2021.

SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SPINK, Mary Jane; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da Psicologia Social. *In: SPINK, Mary Jane. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano***: aproximações teóricas e metodológicas. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 41-62.

VALADÃO JÚNIOR, Valdir Machado; RODRIGUES, Henrique. Competências na pós-graduação: o olhar dos egressos. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 325-354, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/94>. Acesso em: 29 jan. 2021.

VARGAS, Michely de Lima Ferreira. Ensino superior, assistência estudantil e mercado de trabalho: um estudo com egressos da UFMG. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, Sorocaba, v. 16, n. 1, p. 149-163, mar. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v16n1/v16n1a08.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2020.

VARGAS, Michely de Lima Ferreira. Formação e inserção profissional do pedagogo: o panorama histórico desta carreira e os egressos do curso de pedagogia presencial da Faculdade de Educação da UFMG. *In: LAS CASAS, Estevam Barbosa; CUNHA, Daisy, QUEIROZ, Tatiana (org.). **UFMG pesquisa egressos***. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019. p. 103-126.

VASCONCELOS, Natália Veloso Caldas; PEREIRA, Fernanda Cristina Barbosa. **Avaliação do ensino superior sob a ótica dos egressos**. Curitiba: Appris, 2015.

VAZ, Kátia Cristina da Silva; VAZ, Fábio Monteiro. Inserção profissional dos jovens concluintes da educação superior. *In: BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. **A expansão do ensino superior no Brasil***. Curitiba: Appris, 2020. p. 191-216.

VIEIRA, André. Os efeitos do diploma superior nos resultados iniciais da carreira profissional. *In: BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. **A expansão do ensino superior no Brasil***. Curitiba: Appris, 2020. p. 169-190.

ZUCCARELLI, Carolina. Desencontro entre escolaridade e ocupação para trabalhadores com ensino superior. *In: BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. **A expansão do ensino superior no Brasil***. Curitiba: Appris, 2020. p. 217-238.
